



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**JOÃO PAULO DE SOUSA FREITAS**

**AS METODOLOGIAS DE ENSINADO PROFESSOR DE GEOGRAFIA:  
O CASO DA ESCOLA MONSENHOR CONSTANTINO VIEIRA –  
CAJAZEIRAS – PB**

**CAJAZEIRAS - PB**  
**2013**

**JOÃO PAULO DE SOUSA FREITAS**

**AS METODOLOGIAS DE ENSINO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA:  
O CASO DA ESCOLA MONSENHOR CONSTANTINO VIEIRA -  
CAJAZEIRAS – PB**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores - CFP da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, sob orientação da Professora Maria Janete de Lima.

**CAJAZEIRAS - PB**  
**2013**



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

F866m Freitas, João Paulo de Sousa  
As Metodologias do professor de geografia: o caso  
da escola Monsenhor Constantino Vieira – Cajazeiras  
- PB/João Paulo de Sousa Freitas. Cajazeiras, 2013.  
49f.  
Bibliografia

Orientadora: Maria Janete de Lima  
Monografia (Graduação) – UFPG/CFP

1. Geografia – estudo e ensino. 2. Metodologia do  
ensino de geografia. 3. Estudo e ensino – Colégio  
Monsenhor Constantino Vieira – Cajazeiras - PB.  
I. Lima, Maria Janete de. II. Título

UFPG/CFP/BS

CDU – 91:37

**JOÃO PAULO DE SOUSA FREITAS**

**As Metodologias de Ensino do Professor de Geografia: O Caso da  
Escola Monsenhor Constantino Vieira - Cajazeiras – PB**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura  
em Geografia do Centro de Formação de  
Professores - CFP da Universidade Federal de  
Campina Grande – UFCG sob orientação da  
Professora Maria Janete de Lima.

Apresentado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria Janete de Lima*

---

Prof. Ms. Maria Janete de Lima (Orientadora)  
CFP/UAE/UFCG

*Aldo Gonçalves de Oliveira*

---

Prof. Ms: Aldo Gonçalves de Oliveira  
CFP/UACS/UFCG

---

Prof. Ms: Joseane Abílio de Sousa Ferreira  
UFPB

Dedico a realização deste trabalho em primeiro lugar ao Deus do Céu, que sempre é fiel, a meus pais Francisco Franco de Freitas e Maria de Lourdes de Sousa Freitas, a minha saudosa avó Josefa Rosa e a meu amigo Fábio Luis de Oliveira e a todos que contribuíram para a formação do meu caráter de cidadão.

## AGRADECIMENTOS

Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua benignidade e da tua verdade. (Salmo 115, 1). Faço das palavras do salmista as minhas. Ao Deus Vivo e Verdadeiro, que me deu forças e destreza para chegar até aqui, não importando as rochas que encontrei no caminho, o meu Deus me fez mais do que vitorioso. Posso afirmar que, até aqui, muito me ajudou o Senhor. Toda minha gratidão a Ele.

A meus pais, Francisco Francos de Freitas e Maria de Lourdes de Sousa Freitas. Serei eternamente grato por ter me ajudado durante todo esse tempo de formação, contribuindo significativamente para eu ter alcançado esta realização.

A minha saudosa avó, Josefa Rosa, que acreditou em mim desde a infância e sempre proporcionou os meios necessários para nunca deixar de ir à escola. A ela, eu serei eternamente grato.

A minha orientadora, professora Maria Janete de Lima, meus eternos agradecimentos e gratidão, pois sua contribuição para esta vitória foi de valor incalculável. Sempre esteve pronta e atenciosa para me ajudar quando eu precisava, orientando a fazer um trabalho digno e honroso.

A coordenação de curso e a todos os professores do curso de Geografia do CFP/Cajazeiras, que contribuíram significativamente em minha formação de educador, de forma especial, àqueles que foram mais próximo a minha pessoa. Serei sempre grato a todos. De forma carinhosa e especial, ao saudoso professor Francisco Augusto de Sousa, que sempre me orientou para trilhar o melhor caminho.

A minha amiga Joseane Abílio, que sempre esteve pronta para me ajudar quando procurada.

Ao meu amigo, Fábio Luiz de Oliveira, um cara que é um anjo nessa Terra, um paulistano de coração imenso e puro. Louvo muito a Deus por ter ganho sua amizade. Sou muito grato e feliz por toda participação que este amigo teve em meu processo de formação.

Aos meus amigos, Francisco Tales da Silva e Daniel T eu, meus agradecimentos por sua amizade e participa o durante este tempo.

Por fim, a todos que diretamente ou indiretamente contrib iram significativamente durante todo o meu processo de forma o acadêmica. De forma bem especial aos companheiros de vôlei, que nas tardes estressantes, estavam prontos a partilhar o tempo livre no ginásio da universidade.

Até aqui muito me ajudou o Senhor Deus.

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz embora louco, que em conformidade viver”. (Martin Luther King)



## RESUMO

A presente pesquisa se propõe a fazer uma discussão sobre as metodologias do professor de geografia, visando o caso da escola Monsenhor Constantino Vieira. Refletiremos de início sobre a trajetória do ensino da geografia escolar brasileira e os processos de renovação passados por essa disciplina ao longo do tempo. Esta atividade proporciona descobrir como o ensino geográfico está acontecendo em sala de aula e como o mesmo é ministrado pelo professor. Fez-se uma abordagem sobre as metodologias e o ensino de geografia, para entendermos como as mesmas vêm sendo discutidas ao longo do tempo e como a presença dessa disciplina ocorreu no sistema educacional brasileiro. Abordou-se sobre o livro didático e sua relação com o ensino da geografia, buscando perceber sua contribuição enquanto material didático e não como "ditador" do saber geográfico. Adentrou-se sobre as questões da formação de professores, para que se pudesse compreender os processos de formação e como a mesma influencia o educador na escolha das metodologias de ensino. Procurou-se clarear o processo de ensino não depende exclusivamente da formação de professores, mas sua construção num conjunto com vários elementos, dos quais, as metodologias trabalhadas em sala de aula fazem parte. Interpretou-se a fala dos alunos que foram coletadas por meio de questionários aplicados. Dedicamo-nos a entender cada resposta e, sobretudo, perceber qual a ótica dos alunos a respeito dos processos metodológicos usados por seus professores para o ensino da geografia. A partir das respostas desses discentes, examinamos quais as metodologias que têm sido trabalhadas nas aulas de geografia. Constatamos diante do modelo de análise constituído para a pesquisa, envolvendo questões relacionadas ao ensino e aprendizagem de geografia, que é preciso ser repensada a realidade em relação aos procedimentos metodológicos e sobre as abordagens dos conteúdos apresentados nas aulas do ensino geográfico. Sabemos que as metodologias não são salvadoras do ensino, nem tão pouco, o professor, mas, a pesquisa pode nos revelar quão rico e importante é se trabalhar os conteúdos por meio de processos metodológicos selecionados para cada conteúdo, onde o maior beneficiado será o aluno e seu futuro como cidadão.

**Palavras - chave:** Geografia. Ensino. Metodologias. Aprendizagem.

## ABSTRACT

The present research proposes to make a discussion about the methodologies of the professor of geography, aiming at the case of school Monsenhor Constantino Vieira. Firstly, we will reflect on the trajectory of the Geography teaching in schools in Brazil and the processes of renewal that this discipline has been through over time. This activity provides discovering on how the geographic education has been happening in the classroom, and how it has been taught by the teacher. We have made an approach of the historic remission about the methodologies and the teaching of geography to understand how they have been discussed overtime e how the advancements on this subject have occurred on the educational system in Brazil. It was made an approach on the textbook and its relationship with the teaching of geography, seeking to realize its contribution as a didactic material and not as a "dictator" of geographic knowledge. Some questions about teachers' education were raised, so that we could understand the education processes and how they influence the educator on the choice of the teaching methodologies. We aimed to clarify that the teaching process depends not only of the teacher's education, but its construction in a set of various elements, in which, the methodologies put into practice in the classroom are part of them. We interpreted the speech of the pupils that were collected by means of applied questionnaires. We dedicated ourselves to understand every answer and, above all, realize what points of view the students have concerning the methodological processes used to teach geography. From the answers of those pupils, we examined which methodologies have been carried out in the geography classes. We found out, given the model of analysis established for the research. Involving questions related to teaching and learning of geography, that we need to rethink the reality related to the methodological procedures and about the content approaches presented in the classrooms of geography. We know that the methodologies are not redeemers of teaching, let alone the teacher, but the research can reveal to us how rich and important is to work the contents by means of methodological processes selected for each content, where the greatest benefit will be the student and his future as a citizen.

**Keywords:** Geography – Teaching – Methodologies – Learning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**TABELA 1** – Perfil dos Alunos Pesquisados.....35

**GRÁFICO 1** – Porcentagem Dos Recursos Metodológicos Citados Pelos Entrevistados.....40

## LISTA DE SIGLAS

**AGB** – Associação dos Geógrafos do Brasil

**ANPUH** – Associação Nacional de Professores Universitários de História

**CFP** – Centro de Formação de Professores

**PNLD** – Programa Nacional do Livro Didático

**PB** – Paraíba

**UAE** – Unidade Acadêmica de Educação

**UFCG** – Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
2 CAPITULO I .....	15
2.1 Resgate Histórico sobre as metodologias para o ensino de Geografia .....	15
2.2 O Livro Didático e o Ensino de Geografia .....	19
2.3 Formação de Professores e o Ensino de Geografia.....	26
3 CAPÍTULO II Metodologia e Análise dos Dados da Pesquisa.....	33
3.1 A Escola Lócus da Pesquisa .....	33
3.2 Análise dos Dados da Pesquisa.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS .....	46
APÊNDICE .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre as metodologias do professor de geografia: o caso da Escola Monsenhor Constantino Vieira - Cajazeiras – PB, com foco no papel do professor e nas práticas de ensino. Destacamos a relevância de se construir um espaço de discussão das metodologias que vem perpassando as escolas, para pensarmos como os professores têm lidado com essa Geografia que hoje chamamos de moderna.

É sabido que os problemas da educação advêm de diversos aspectos, como financeiros, culturais, sociais e pedagógicos, mas, para que haja mudança, deve ser feito um levantamento dessas dificuldades para que se possa chegar às melhores formas para a elaboração de um projeto eficiente e eficaz.

Nesse sentido, entendemos que a escola enquanto organização, enquanto instituição escolar, que é local de síntese da cultura elaborada e de uma dinâmica viva, exerce um papel fundamental na formação de condutas. Portanto, entendemos a escola como produtora de diferentes saberes, onde os sujeitos envolvidos estão interessados em participar do processo de aprendizagem; isso significa compreender que é preciso oportunizar mudanças nas ações da liderança da escola, primando pelo compromisso único de viabilizar um aprendizado criativo, dinâmico e significativo, dando ao aluno a capacidade de leitura da sua realidade.

Pensando nessas questões da escola, nos propusemos a realizar uma pesquisa buscando compreender como os professores de Geografia têm trabalhado esta disciplina, quais as metodologias destes sujeitos, quais os problemas e dificuldades em implementar sua prática no ambiente escolar. A educação hoje se constitui num grande desafio, que dentre outras coisas, precisam ser repensadas formas, estruturas e tipos de educação. Nesse repensar da educação, ressaltamos a importância de analisar como tem se processado as metodologias do professor e sua relação com o ensino e aprendizagem dos alunos.

Como Objetivo geral a pesquisa apresenta:

- Analisar as metodologias de ensino dos educadores do ensino de Geografia da Escola Pesquisada.

E como Objetivos Específicos:

- Identificar o material didático utilizado pelos educadores de geografia;
- Investigar a concepção de ensino de geografia dos educadores.
- Observar a prática pedagógica dos educadores de geografia.

A pesquisa em tela visa envolver um trabalho acerca das metodologias aplicadas pelos professores dentro da escola citada. A proposta é oportunizar um futuro debate e repensar de ideias entre os professores, por meio de algumas perguntas que passam ser o norte para o diálogo, sendo o espaço escolar apropriado para aclarar suas limitações, as dos alunos, bem como, os problemas de se trabalhar em educação nos dias de hoje.

No capítulo I fez-se uma abordagem sobre as metodologias e o ensino de geografia, para entendermos como as mesmas vêm sendo discutidas ao longo do tempo e como a presença dessa disciplina ocorreu no sistema educacional brasileiro. Abordou-se sobre o livro didático e sua relação com o ensino da geografia, buscando perceber sua contribuição enquanto material didático e não como “ditador” do saber geográfico. Adentrou-se sobre as questões da formação de professores, para que se pudesse compreender os processos de formação e como a mesma influencia o educador na escolha das metodologias de ensino.

No capítulo II procurou-se clarear, o processo de ensino não depende exclusivamente da formação de professores, mas sua construção num conjunto com vários elementos, dos quais, as metodologias trabalhadas em sala de aula fazem parte, para isto realizou-se uma pesquisa qualitativa com coleta de dados por meio de questionários. Procedendo a análise posteriormente e seguidas conclusões. Acredita-se que o estudo poderá se constituir em instrumento de análise pelos educadores sobre suas respectivas práticas de ensino e metodologias utilizadas.

## 2 CAPITULO I

### 2.1 Resgate Histórico Sobre as Metodologias Para o Ensino de Geografia

Como a queda do monopólio do poder da Igreja, a sociedade passa por várias mudanças e permanências em sua estrutura, uma delas é a do sistema Educacional de Ensino, que antes era dominado por esta. Desse modo as transformações ocorridas na sociedade têm eco na educação formal gerando consequentes reformas nos sistemas de ensino. Vale salientar que a Igreja assistiu ao progresso do Estado na formulação de diretrizes de ensino e perdeu sua condição hegemônica no campo da educação.

Essas transformações beneficiaram diretamente o sistema educacional de ensino no Brasil, esse benefício se deu pelo surgimento de estruturas estatais de administração para regular o processo de distribuição do conhecimento, a profissionalização dos quadros, os métodos de transmissão do saber, a seleção dos alunos e a circulação de livros e conteúdos escolares.

A força dessas transformações foi sendo ampliada cada vez mais, a sociedade foi conquistando e alcançando novas perspectivas em vários âmbitos. A educação que antes era controlada pela Igreja, passa agora a ser administrado pelo Estado.

As transformações que o sistema educacional de ensino vem passando até este momento na história da educação brasileira é de imensa significância, pois como se percebe desde o princípio, o conhecimento é o único meio pelo qual o Homem pode se desprender da ignorância que o cerca. É o conhecimento que mostra ao ser humano as coisas tais como elas são. Portanto, aprimorar o sistema educacional de ensino, é um grande avanço para o benefício do próprio Homem. Vale salientar que nos referimos às transformações na história da Educação do Brasil aqui apresentada.

Como dito anteriormente, o sistema educacional de ensino era monopolizado pela Igreja, deixando o Estado sem compromisso com o sistema educacional, fazendo com que a educação fosse restrita a poucos. Era transmitida a partir dos olhos da fé, distante da laicização. A partir do século XIX, acontece outra mudança no sistema educacional de ensino no Brasil.



A partir do século XIX, com a consolidação dos governos constitucionais, a escolarização elementar universalizada, pública, leiga e gratuita se estabelece definitivamente na maioria dos países como direito dos cidadãos e dever do Estado – embora o monopólio estatal do ensino fosse uma realidade desde os últimos anos dos séculos XVIII. Esse acontecimento representa importante etapa do processo de monopolização do ensino pelo Estado e da formação dos modernos Estados nacionais. (VEIGA, 2007, p. 93)

A partir desse momento o Estado se torna responsável pelo sistema educacional de ensino, a população agora tem a educação por direito, todo cidadão tem o direito de ser alfabetizado, de aprender ler e escrever, isso através de um sistema leigo, sem imposição da religião e não mais sob os olhos da fé, mas despreendido de dogmas e paradigmas religiosos. A educação agora deve ser pública e não mais restrita a poucos, todos devem ter acesso a ela, pois é dever do Estado assegurar esse direito ao cidadão.

Com o sistema educacional de ensino sob as responsabilidades do Estado, as escolas são criadas com novos métodos de ensino para ambos os sexos. Segundo Veiga (2007, p. 110) "a Constituição de 1822 ordenou a criação de escolas de ler, escrever, contar, doutrina religiosa e civil para ambos os sexos". Dentro desse contexto, vale salientar, que os pais de famílias tinham a obrigação de enviarem os filhos de 7 anos à escola, isso sob pena de sanções para quem descumprisse.

O século XIX é um tempo favorável para a expansão do sistema educacional de ensino. De acordo com Veiga (2007, p. 1986) "A partir de meados do século XIX não apenas se multiplicavam os colégios particulares, mas quase todas as províncias passaram a contar com estabelecimentos públicos de ensino secundário". Diante disso, pode-se ter a noção de como esse período do século XIX foi fundamental para que educação fosse se concretizando e construindo um solo firme no Brasil. Importante também notarmos a expansão das escolas particulares.

Quanto ao ensino superior no Brasil, existiam poucos, eram de alçada administrativa do governo central, vale salientar que até o ano de 1879, somente os homens podiam frequentar. Nesse período, o Brasil só tinha duas faculdades de Direito, duas de Medicina, uma de Farmácia e duas de Engenharia. Também podemos citar as academias militares e algumas aulas avulsas de estudos superiores. Com o passar dos tempos, foram se multiplicando cada vez mais.

O século XIX foi imensamente importante não somente para o avanço do sistema educacional de ensino, mas para toda a sociedade ocidental, onde a mesma vivenciou mudanças inusitadas a partir de meados desse século. Pode-se citar a inovação de novos e revolucionários artefatos mecânicos, como por exemplo: a locomoção a vapor, a fotografia, o telégrafo, a iluminação elétrica, o telefone etc. Tantas mudanças mais que aconteceram nesse período, como as concepções de tempo, redefinições urbanas e importantes movimentos políticos.

A partir desse momento a Escola ganha nova percepção, uma importante mudança acontece, transformando a escola num espaço privilegiado para instruir e educar os futuros cidadãos e membros da sociedade. Essas mudanças contribuíram para os movimentos de renovação da pedagogia e prática escolar, fazendo com essas, estivessem sintonizadas com as novas dinâmicas da sociedade.

É a partir desse momento histórico que começa a surgir e a proliferarem propostas didáticas que visavam assegurar a efetiva participação dos alunos no processo de ensino aprendizagem. Começa-se a perceber que os procedimentos metodológicos usados em sala de aula, são fundamentais para a aprendizagem do aluno.

É necessário que o educador se utilize de diferentes recursos para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, isto pode ser feito por meio do uso de imagens, pesquisas na internet, recursos audiovisuais (vídeos, e DVD, e até programas de televisão), livros para-didáticos, trabalhos de campo e outros tantos quanto à criatividade do professor assim permitir. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 21)

Os estudos sobre ensino-aprendizagem começam a fluir gigantesicamente, destacando assim a importância das metodologias em sala de aula. Já que a Escola passou a ter uma nova percepção, se fazia necessário se preocupar como ela estaria procurando formar os cidadãos, quais os meios adotados e usados nessa formação.

No século XIX, entrava em cenário uma Escola que deixou de ser pensada como mero conjunto de salas de aulas. Era preciso se voltar para uma pedagogia nova, com novos meios que contribuíssem significativamente com o aluno e como esse receberia o conhecimento apresentado e discutido em sala de aula. Era preciso

inovar, transformar e suscitar novos meios de ensino aprendizagem. Foi isso que fez a Nova Pedagogia. No entanto a escola é:

O lugar específico: o lugar onde transmissão de conhecimento é, substancial e conjuntamente, transmissão da exigência de correção, de precisão e de verdade. Essa exigência não se soma aos conhecimentos: ela é a própria maneira como todos podem “pôr a mão na massa” com seus conhecimentos e com os outros. É ela que deve sustentar e que pode legitimar a palavra do professor e a do aluno quando um ou outro intervém diante do grupo. É por isso que ajuda a “manter junta” uma classe. (MEIRIEU, 2005, p. 53).

Como a escola não é mais pensada unicamente como um conjunto de salas de aula, mas, como lugar de transformação de cidadãos comprometidos com a sociedade. Veiga (2007) sobre os princípios da nova pedagogia ressalta o seguinte:

A aplicação dos princípios da nova pedagogia suscitou alterações no espaço escolar, modificou o padrão das salas de aula e introduziu materiais pedagógicos inovadores. Também se impôs a criação de novos ambientes, como destinados à prática da educação física, a atividades da vida cotidiana e à alimentação. (p. 229)

Pode-se entender o quanto os procedimentos metodológicos contribuem significativamente no processo de aprendizagem do aluno. Não é somente na sala de aula que se pode interagir com os alunos, é preciso também criar novos ambientes que contribua para o desenvolvimento das capacidades do aluno. Como se pode ver na citação acima, se faz necessário buscar meios de se inovar, visando à aprendizagem e ao bem estar do aluno, é preciso sair da sala de aula e explorar novos âmbitos de interação entre aluno e ensino. É justamente aí que entra o papel inovador e criativo do professor de Geografia, quanto ao uso de materiais metodológicos.

Os meios metodológicos usados em sala de aula pelo professor de Geografia contribuirão significativamente para que os conteúdos não sejam apenas repassados ou transmitidos de forma cansativa, pelo contrário, que façam das aulas de Geografia um verdadeiro campo de estudo, buscando sempre trazer a realidade para dentro da sala de aula e ao mesmo tempo levando o aluno ao desprendimento da escola para conhecer e tocar o mundo que o cerca.

Abordaremos no sob tópico seguinte, uma reflexão sobre o livro didático e o ensino de geografia. Procuraremos expor como a geografia veio crescendo ao longo

do tempo, como veio ganhando espaço no sistema educacional de ensino no Brasil, qual o percurso que a mesma traçou e por final, veremos um pouco sobre o papel do livro didático no ensino da ciência geográfica, qual a contribuição do mesmo. Dialogaremos com alguns autores sobre esses assuntos.

## **2.20 Livro Didático e o Ensino de Geografia**

O ensino da geografia modificou-se com o passar dos anos para adaptar-se às exigências e características da sociedade atual, mesmo que as tendências de ensino pautadas em práticas tradicionais nunca tenham deixado de existir e provavelmente sempre existirão. Mas, novas metodologias vêm sendo suscitadas em sala de aulas em nossos dias.

O período de mudanças e transformações em que vivemos no contexto atual sobre a sociedade, é sem dúvidas um grande influenciador na mudança e transformação do ensino da Geografia e das novas metodologias para o mesmo. Desde a Revolução Industrial que avanços tecnológicos começaram a surgir e daí por diante não pararam mais. Na sociedade moderna, as metodologias de ensino foram sendo renovadas e transformadas, para atender as demandas de um “jeito” melhor de ensinar, fazendo com que o aluno não seja mero receptor de informações, mas transformador do meio em que se encontra.

Nesses termos, essa nova tendência do ensino da Geografia desperta no aluno um olhar diferente e dinâmico do ensino geográfico, suscitando nele um aprendizado prazeroso. Assim, isso possibilita que essa Ciência de valor imensurável na vida do cidadão, encontre-se mais presente na vida das pessoas que a estudam. A respeito da importância do ensino da Geografia no Brasil, Vesentini (2004) pauta o seguinte:

Apresentar, de uma perspectiva histórica, o ensino de geografia no Brasil nos remete entre outras possibilidades, às relações entre educação, ciência e política, em uma sociedade autoritária, cindida entre os que “pensam” e os que “fazem”. (p. 187/188)

O referido autor ainda revela que, “as inextrincáveis relações entre a escola, o ensino de geografia e a construção do Estado-nação brasileiro se colocam em evidência, pois, desde o início do século XIX”. A partir desse momento, ou seja,

início do século XIX, essa relação começa a acontecer, pois o ensino da geografia não integrava diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras.

Segundo Vesentini (2004):

Por conseguinte, o ensino da geografia não integrava diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras. Isso não impediu, porém, que se fizesse presente de maneira indireta nessas escolas. Sua presença ocorria por meio da história do Brasil e da língua nacional, cujos textos enfatizavam a descrição do território, sua dimensão, suas belezas naturais. (p.189)

É importante ressaltar, que mesmo o ensino de Geografia sem integrar diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras, a mesma estava presente nas disciplinas curriculares do Colégio Pedro II fundado em 1837. Conforme relata Vesentini (2004, p. 189) “a presença do ensino de Geografia na distribuição das disciplinas que compõem a estrutura curricular do Colégio Pedro II é extremamente importante...” Como esse Colégio foi fundado visando à definição de um padrão para o ensino secundário em todo o país, é nítido que o ensino geográfico iria ganhando espaço e avançando novos caminhos no território brasileiro.

Percebe-se que a partir desse momento a Geografia passa a fazer parte nas disciplinas curriculares do Colégio Pedro II, deixando evidente, que isso é um acontecimento de extrema importância para o conhecimento geográfico e para essa Ciência que começa a percorrer novos caminhos e avançar no currículo escolar como disciplina. De acordo com Pessoa (2007) o termo disciplina tinha como significado:

O significado do termo era puramente associado à idéia de vigilância dos estabelecimentos em relação às condutas (procedimento moral, comportamento) prejudiciais a sua boa ordem e àquela parte da educação dos alunos que contribui para o andamento de tal ordem, podendo se identificar a atitudes repressivas ou ainda dispostas simetricamente, ou seja, semelhante ao verbo disciplinar, que é sinônimo de ginástica (exercício) intelectual. Portanto, o entendimento do termo disciplina estaria vinculado, em sua gênese, à idéia de hierarquização e estratificação. (p. 21)

Por meio desse breve histórico do Ensino Geográfico, sua origem e sua distribuição como disciplina curricular, pode-se ter uma noção de como a geografia chegou até nossos dias, como foi ensinada e/ou transmitida e repassada por meio de várias metodologias, as quais vêm se renovando por causa da demanda da sociedade atual. Mas nem sempre acontece esse renovo, e metodologias tradicionais continuam em salas de aulas. É sabido que as metodologias tradicionais têm sua importância, mas é preciso sempre renovar, buscar e tentar fazer da sala de aula um ambiente prazeroso, que faça da aprendizagem do ensino da geografia, uma fonte sempre insaciável do conhecimento e não uma rotina diária e exaustiva, formando cidadãos preparados e conscientes para agir em seu contexto de vida.

Mesmo com tantos meios tecnológicos, descobertas científicas e transformações bruscas que vêm acontecendo em nossos dias, muitas metodologias tradicionais continuam predominando em sala de aula, mas outras novas estão ganhando espaço. Diante das tradicionais e novas, quais seriam as metodologias mais viáveis para se aplicar ao ensino geográfico? Estariam mortas as metodologias tradicionais, dando vida às novas? Como estão sendo utilizados os materiais didáticos no dia a dia nas aulas de Geografia?

Cavalcanti (1998, p. 138) conceitua metodologia da seguinte forma: "intervenção intencional própria do ato docente diz respeito à articulação de determinados objetivos, conteúdos e métodos que levam em conta as condições concretas em que ocorre o ensino". Em outras palavras, a autora expõe o conceito, querendo dizer que a tarefa de intervenção no ensino escolar é basicamente do professor, mas não se pode esquecer que a construção do conhecimento por meio do ensino se faz em conjunto com vários elementos e não basicamente só com o professor. O professor é um canal, mas precisa de várias fontes para a "água" passar de forma livre.

Segundo Albuquerque (2010, p. 22) "não há dúvida que os materiais didáticos são de suma importância para o processo de ensino aprendizagem. Não que eles somente por si tenham influência na aprendizagem". Fica claro que esses recursos são relevantes para se trabalhar nas aulas de Geografia ou de qualquer ciência, desde que os mesmos estejam relacionados com o conteúdo e sejam trabalhados em todo um conjunto.

E o livro Didático? Como se vê o livro didático enquanto recurso metodológico? Seria ele fonte única para se trabalhar em sala de aula? Como o mesmo tem sido

usado pelos professores nas aulas de Geografia? Estaria ele predominando mesmo com tantos avanços e recursos tecnológicos? São questionamentos essenciais que o educador de Geografia necessita fazer sempre, visando um ensino-aprendizagem de qualidade e vivo.

Entender a natureza do livro didático se justifica por causa do papel que ele desempenha na cultura escolar. Apesar de todas as críticas e polêmicas, o livro didático tem sido ainda e é considerado um instrumento fundamental na escolarização e no cotidiano educacional brasileiro. É parte integrante deste, em maior ou menor grau, como constam pesquisas e estudos acadêmicos. (KANASHIRO, 2008, p. 4)

O livro didático é sem dúvidas o instrumento mais utilizado para o ensino de geografia hoje nas escolas. É importante lembrar que ele é produzido em série para alunos de todas as regiões do Brasil. Por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) os professores das escolas públicas participam da escolha do livro, que é comprado pelo governo, enviado para as escolas e distribuídos gratuitamente para os estudantes das séries da rede pública.

É importante ressaltar que o Livro Didático não pode ser o único meio de material, a única fonte de conhecimento e interação com os alunos, ele precisa ser visto apenas como um recurso didático que está à disposição do educador, que em conjunto com os demais, forma uma grande oportunidade de apresentar e estudar melhor o conteúdo, mas, o que muitas vezes acontece é que, a falta dos recursos é a maior problemática.

A falta de outros recursos didáticos como filmes, imagens, mapas, jornais, globos, revistas, estudos de campos, visitas a biblioteca, slides, jogos, dinâmicas e etc., transformou o livro didáticos no único instrumento utilizado pelos professores e alunos, ou seja, a "bíblia" do ensino de geografia. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 19)

Sabe-se que essa é uma realidade não distante de nós, em muitas salas de aulas, bem diante dos nossos olhos, o livro didático é a única opção como recurso pedagógico, pois faltam incentivos financeiros ou muitas vezes eles são desviados, deixando dessa forma a predominância do livro.

O que se constata na realidade é que o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte última de referência e contrapartida dos erros das experiências de vida. Ele acaba assim tomando a forma de critério do saber, fato que pode ser ilustrado pelo terrível cotidiano do “veja no livro”, “estude para prova da página x até a y”, “procure no livro” etc. Entendido nesses termos, o livro didático, apesar de não ser como querem alguns o grande culpado pelo autoritarismo e pela precariedade no ensino, acaba consubstancializando a forma usual e institucionalizada deste, como o saber competente externa à prática educativa e sendo meramente assimilada (mas não produzido) pelos alunos”. (VESENTINI, 1989, p. 166/167)

Segundo Seferian (2008, p. 10), “é necessário trabalhar os conteúdos de Geografia de forma que o aluno perceba a relação desses conhecimentos com seu cotidiano e se perceba no processo de aprendizagem...” Fazer o aluno penetrar em seu contexto cotidiano é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, propiciando sempre essa relação com sua realidade. O ensino-aprendizagem se dá por meio de metodologias capazes de envolver professor, aluno, escola, família e comunidade na busca de um saber mais amplo e não restrito, pois do contrário se torna um ensino meramente decorativo e cansativo.

Conforme Kimura (2011, p.79) “a Geografia constitui-se em um campo fértil de oportunidades para experimentar de maneira muito rica, estimulante de várias habilidades e, desta forma, possibilitar ao aluno desenvolver competências...” Diante disso, é bom lembrarmos que o ensino geográfico tem a missão não de formar técnicos, mas cidadãos transformados para uma sociedade transformada, pois a formação do aluno e o prazer pela disciplina serão influenciados de certa forma pelas metodologias adotadas pelo professor, claro que outros elementos terão um papel fundamental e essencial nesse processo.

De acordo com Seferian (2008, p.33), “esta reprodução de conteúdos prontos que não aceitam as interferências e análises dos alunos continuam a produzir pessoas incapazes de refletir”. A geografia deve ser capaz de suscitar pessoas críticas e não repetidoras de conteúdos, pois na realidade muitos alunos não gostam do ensino geográfico, porque durante a sua formação tiveram experiências com uma metodologia tradicional, puramente decorativa de conteúdos, ou qualquer outra metodologia cansativa, monótona, onde o senso crítico nunca era despertado ou



incentivado pela falta de metodologias ou recursos didáticos renovados do professor.

Conforme Pontuschika (2009, p.38) "a geografia como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento". Dentro dessa perspectiva a geografia precisa ser renovada e transformada em sala de aula, seu ensino precisa oferecer subsídios que contribuam significativamente para uma formação mais eficaz, tanto do professor, como do aluno. É preciso que se use das tecnologias atuais para melhor renovar as aulas de Geografia, utilizando estas tecnologias ao livro didático, contribuindo mais eficazmente para se quebrar o comodismo nessas aulas, sejam por meios de programas de computadores, cinemas, vídeos-aula relacionados aos temas dos conteúdos, jogos, estudos de campo, data show e tantos outros recursos didáticos. É preciso que haja um ensino de qualidade e totalmente comprometido com a construção de uma educação mais favorável a todos, visando unicamente o enriquecimento de uma sociedade crítica e consciente do seu papel cidadã e esse é o papel essencial do professor de geografia.

Seferian (2008, p.13) afirma que o "... professor deve mudar sua maneira prática de aprender e ensinar por meios pelos quais não foi ensinado, evitando ensinar somente a maneira tradicional, procurando despertar o interesse no aluno..." É preciso que o professor seja inovador e não repasse somente o que aprendeu em sua graduação, mas leve o aluno a se apaixonar pela disciplina, assim a influência da metodologia do professor de Geografia contribuirá significativamente no despertar crítico do aluno, na sua atenção para com os conteúdos, na sua vivência em seu contexto social e até mesmo na sua paixão ou desgosto pela disciplina. É preciso vivenciar em sala de aula, uma geografia viva, comprometida em dialogar o livro didático com outros recursos didáticos capazes de contribuir concretamente com o ensino geográfico.

Segundo Oliveira (1998, p.37), "em outros termos, o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser "ensinada" ou vulgarizada, e sim no real". O ensino geográfico deve tirar o aluno do comodismo e conformismo dentro de sala, posto que o conhecimento desse ensino não se localize no professor e o aluno tenha papel essencial nesse processo. Para que isso aconteça, se faz necessário o diálogo em sala de aula, pois o conteúdo precisa ser apresentado, discutido e

contextualizado com cada realidade, onde as metodologias de inovação colaborem para não se centralizar unicamente no livro didático, dando informações e conteúdos já prontos, sem questionamentos ou diálogos.

Ao referir nos preceitos de metodologias, é preciso se pensar que estas por si só não podem fazer ou resolver tudo, pois o processo de ensino se dá num conjunto. Algo importante que não podemos esquecer e até destacar, é a formação de professores. A formação é sem dúvida essencial para se ter um ensino de qualidade, embora a qualidade do ensino e de suas metodologias não dependa exclusivamente da formação de professores.

As metodologias para um ensino de qualidade serão influenciadas não somente pelo professor, mas por um conjunto de elementos, como por exemplo: a infra-estrutura das escolas, formação do professor, os currículos, a carga horária das aulas e dos estudos, os materiais didáticos, a participação efetiva dos pais dos alunos na escola, a interação da escola com a comunidade local, entre outros elementos. É preciso saber que mesmo todos estes fatores caminhando a favor, ou seja, tudo em perfeito funcionamento, é necessário que haja profissionais bem formados para conduzir as situações de aprendizagem, do contrário não haverá avanços na área educativa.

Para que o ensino aconteça de forma responsável e concreta, existe um conjunto de elementos vistos acima, que necessitam estarem interligados concretamente, ou o andamento do ensino se dará de forma deficiente. É preciso que o professor de Geografia seja bem capacitado por sua formação, para poder observar que mesmo faltando elementos nesse conjunto de formação, ele utilize meios que ajude ao aluno a fazer relações entre sua realidade, da sociedade em que vive e da estrutura política que o governa, e acima de tudo o leve a questionar os acontecimentos cotidianos. Nos mostra Albuquerque (2010, p. 16) “é preciso encaminhar um trabalho pedagógico na disciplina geografia de forma que os alunos assumam posição diante de problemas relacionados ao seu cotidiano...” Assim acontecendo, o ensino geográfico estará mais vivo e presente na vida do cidadão, pois, na realidade, o que mais se encontra no concreto, são professores totalmente descomprometidos com um ensino que questione e que forme cidadãos conscientes com a sociedade, inúmeros são os que não estão nem um pouco preocupados com a educação.

Em conformidade com Perrenoud (2002, p.22), "a formação de professores deveria ser orientada para uma aprendizagem por problemas para que os estudantes se confrontassem com a experiência da sala de aula". Realmente isso deveria acontecer na formação dos professores, pois muitas vezes é apresentado durante a formação inicial um mundo de maravilhas e na realidade encontra-se outro, muito distante do que foi apresentado. É preciso que o formando não seja privado da verdade que enfrentará quando sair da universidade, pelo contrário, deve está pronto e altamente preparado para uma realidade muitas vezes nua e crua, isso deve acontecer durante sua formação acadêmica.

### **2.3 Formação de Professores e o Ensino de Geografia**

Ter uma boa formação de professores é algo essencial para qualquer área de ensino, pois ela norteará o mesmo em sua missão do dia a dia em sala de aula, embora a qualidade do ensino não dependa exclusivamente da formação de professores. Para o professor de geografia não é diferente, é preciso que o mesmo seja formado com qualidade e competência, pois seu papel em sala de aula vai muito além da transmissão de saberes e processos metodológicos utilizados pelo mesmo. Por isso, falar de formação de professores é algo que ultrapassa qualquer preocupação com as metodologias que constituem o processo formador, antes de tudo, é preciso conhecer bem os modos com seus fundamentos e elementos.

Falar de formação de professor não significa assim, se limitar sobre as diferentes modalidades de transmissão do saber ou sobre as metodologias que constituem tais processos, mas principalmente, interrogar esses modos a partir de seus fundamentos e produtos, pois sempre existem pressupostos político-éticos na base da vontade de fazer transitar parte do patrimônio cultural de uma geração a outra, de uma pessoa a outra. (FERRAÇO, 2008, p. 74)

A formação de professores envolve tanto os conhecimentos teóricos, quanto os práticos, e ambos têm grande importância e contribuição para prática do educador. A necessidade de se ter uma formação com novas abordagens é urgente, onde esteja centralizada a concepção da formação como um processo permanente, sendo este marcado pelo desenvolvimento da capacidade reflexiva, crítica e criativa,

conferindo dessa forma ao professor mais autonomia na profissão e elevando sua carreira profissional, dignificando mais o papel do educador.

A formação de professores constitui uma questão central no contexto mais amplo da educação brasileira. Não sem razão, vem sendo objeto das atuais reformas educacionais e contemplada no âmbito dos debates acadêmicos e das entidades científicas e profissionais, impondo um aprofundamento da reflexão acerca da natureza e dos objetivos dos cursos de formação de professores. (PONTUSCHKA, 2009, p. 89)

No ano de 1971 acontece a aprovação da lei de Diretrizes e Bases da Educação, N.º 5.692, incorporando os Estudos Sociais ao currículo da escola denominada de primeiro e segundo graus de acordo com um núcleo comum composto de três matérias: Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências. Salientando que essas matérias correspondiam às chamadas licenciaturas curtas, sendo que para as disciplinas do segundo grau, seriam formados professores em licenciatura plena.

Com a criação da Lei acima citada, surgiram várias críticas dos geógrafos brasileiros, sendo estas no tocante aos Estudos Sociais como campo de integração dos conhecimentos de História e Geografia. As críticas estavam voltadas para a formação polivalente de professores que recebiam uma capa superficial das diferentes disciplinas, História e Geografia. Pois para os críticos, essa formação se dava sem que tivessem, durante o processo formativo, uma reflexão profunda sobre os fundamentos epistemológicos e metodológicos de cada disciplina. Pois não devemos esquecer que a formação deve preparar o professor para estar no mundo, para agir no mundo e participar da construção da realidade social presente e futura.

Grande foi a preocupação dos estudiosos da época sobre a Lei 5.692 de 1971, pois os mesmos se preocupavam com a formação de qualidade de professores, e não apenas uma capacitação sem aprofundamentos concretos, reduzindo essa formação estreitando-a cada vez mais.

Com a criação dos Estudos Sociais, a política educacional subordinou a estrutura do ensino universitário a uma tendência perigosamente ambígua, segundo a qual a formação de professores deve ser reduzida em comparação à do pesquisador. (PONTUSCHKA, 2009, p. 65/66)

Isso estaria prejudicando diretamente a vida do aluno em sala de aula, pois este não receberia ou não teria um conhecimento que o tornasse apto para compreender e entender de forma consciente sua realidade.

Como o avanço das críticas e o combate para a extinção dos Estudos Sociais vinham crescendo cada vez mais, visando, claro, uma formação digna e de qualidade para os professores, de forma particular os de História e Geografia, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH) foram de fundamental importância, auxiliando com as respectivas críticas, na extinção dos Estudos Sociais, contribuindo dessa forma para a aproximação de parte do professor à universidade.

A luta enfrentada pelos órgãos acima, visava um ensino mais qualitativo e comprometido com o cidadão, onde o professor não fosse capaz somente de transmitir um conhecimento descomprometido e superficial, mas, preparado e bem formado dentro e fora da sala de aula, para que o ensino de geografia fosse cada vez mais renovado e transformado, colaborando no crescimento intelectual dos alunos e da sociedade de forma geral.

Podia-se verificar a falta de profissionais da área de geografia no contexto acima, mas esta realidade que predominou os bancos escolares durante um bom tempo, só começou a mudar com a entrada em funcionamento dos primeiros cursos de formação de professores de geografia no Brasil. Sem deixar de destacar, que esses cursos, no início, eram tímidos e aos poucos através de muito esforço começou a tomar lugar nas escolas brasileiras.

As Secretarias de Educação de vários Estados do País, ao produzirem suas propostas curriculares de Geografia para o primeiro grau, via de regra em convênio com as universidades, organizaram cursos para a capacitação docente, possibilitando o acesso às diferentes metodologias ligadas aos movimentos de renovação do ensino da disciplina. (PONTUSCHKA, 2009, p. 67)

Sendo a Geografia uma ciência que estuda o espaço terrestre e social, sua dinâmica e organização, como também suas transformações, para uma melhor compreensão de toda realidade, é preciso entender quais os fundamentos das ações humanas, econômicas e políticas no mundo atual, que direta ou indiretamente provocam alterações neste espaço. Consciente de todo esse processo, se faz

necessário que professor de geografia deixe de ser um mero agente de reprodução e se transforme em agente de transformação social, levando aos alunos debater e conhecer os modelos econômicos, políticos e sociais que impactam o espaço geográfico. Para que isso se concretize, uma formação competente e eficaz, precisa contribuir significativamente nesse aspecto.

A geografia se fará diferente de acordo com o problema enfrentado e o engajamento do sujeito do conhecimento e o ensino é cheio de desafios novos que qualquer modelo pronto ignorar. Se o professor não raciocinar em termos de “ensinar algo” e sim de “contribuir para desenvolver potencialidades” do aluno, ele verá que o conhecimento também é poder, serve para dominar ou combater a dominação e que o educando pode e deve tornar-se co-autor do saber (com estudos participativos do meio, debates freqüentes, textos e conteúdo adequados à realidade social e existencial dos alunos). (REGALO, 2005, p. 171)

É preciso que exista uma formação que leve ao professor ultrapassar o campo da teoria, dos textos e livros. Existe um provérbio que diz que só podemos falar daquilo que conhecemos, ou seja, ninguém pode se colocar diante de tal assunto se não é de sua competência. Todavia, é preciso que o professor durante sua formação vá além dos muros da universidade para conhecer a realidade tal como ela é. Não se forma “bons professores” atrofiados e enraizados dentro de uma sala de aula sem conhecer seu próprio contexto social, político e econômico.

A formação de professores e alunos, é algo extremamente preciso e essencial no domínio da leitura do espaço por meio de observação espontânea e dirigida, seja através de entrevistas, da produção de registros e da pesquisa em variadas fontes, nas realidades locais, ou da própria cidade, do estado, do país ou até da realidade, além fronteiras. Pois, a geografia como disciplina escolar, contribuir para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões do concreto e real, do natural e histórico, fazendo com que os mesmo entendam melhor o mundo em seu processo contínuo de transformação. Uma formação qualificada capacita o professor para essa missão, claro que vários fatores estarão interligados no processo de conhecimento dentro e fora da sala de aula.

O professor de geografia em hipótese alguma deve ser um reproduzidor de conteúdos, um mero transmissor dentro da sala de aula, tomando suas aulas

enfadonhas, cansativas, ou fazendo com que os alunos tenham uma imagem negativa da disciplina. Pelo contrário, é importante que ele domine os conteúdos, desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando mais sentido e significado à aprendizagem. Pois à medida que os conteúdos deixam de ser meramente transmitidos e passam a ser meios para interação com a realidade, estes fornecem aos alunos os instrumentos para que possa construir uma visão ampla e articulada, organizada e crítica do mundo. Zuba (2006) diz:

Nessa direção, a formação de professores, especialmente no que se refere ao ensino de Geografia, deve proporcionar habilidades para que os profissionais, que retornam como aprendizes às sala de aula, possam saber ler o contexto político e as ideologias apregoadas pelas reformas do Estado. Consideramos a formação docente como uma das principais bases para promover efetivamente mudanças na educação formal. (p. 62)

Quando a formação do professor de geografia ou de qualquer outra disciplina, não vai além dos muros ou paredes da sala de aula da universidade, este acaba recebendo uma formação enraizada em textos e teorias, não tendo bagagem suficiente e necessária para despertar o aluno para uma visão nítida e aberta do espaço geográfico, no social, na política e na economia. Quando o professor é mal formado, o ensino aprendizagem não terá um bom andamento ou resultado favorável, deixando os alunos carentes no domínio de conceitos básicos, muitas vezes levando o professor a suprir essa necessidade com um turbilhão de informações em todas as aulas de geografia.

Pontuschka (2009) destaca sobre isso:

A falta de domínio de conceitos básicos por parte dos alunos, sobre tudo em Geografia, envolvendo conhecimentos tanto de natureza quanto da sociedade, levam os professores, muitas vezes com certo desespero, a tentar abarcar uma gama enorme de conteúdos na tentativa de suprir essa deficiência. Tal prática com frequência se revela frustrante justamente porque não só é impossível dar conta de todo o conteúdo, mas, em muitos casos, ele é abordado de forma desligada da realidade. (p. 98)

Muitos são os desafios na formação de professores e principalmente para os professores de Geografia, pois é impossível ministrar essa disciplina unicamente

através de teorias, sem contextualizar e fazer com que os alunos conheçam bem o meio que os cercam. O desafio na formação dos professores de Geografia está justamente na carência da prática de articulação dos conteúdos curriculares com os conteúdos pedagógicos e educacionais, ou seja, aos mecanismos de transposição didática, que envolvem metodologias do ensinar a ensinar.

Uma coisa que é de extrema significância ao professor de Geografia, é que o mesmo questione sempre: O que ensinar em geografia? Como ensinar? Como fazer os alunos reconhecerem a importância dos conhecimentos geográficos em suas dimensões? Como mostrar a importância dessa disciplina no currículo escolar? Estes questionamentos ajudarão ao professor buscar sempre um renovo para com os alunos, sabendo que é preciso se renovar sempre de acordo com as necessidades apresentadas no presente. Uma boa formação é um grande instrumento para que isso aconteça de fato.

A importância da Geografia no currículo escolar é de imenso valor, ainda mais quando o professor recebeu uma excelente formação durante a universidade, sem deixar de salientar que por seu intermédio se desenvolve inúmeras habilidades. Ela também desperta uma grande afinidade com os problemas, sejam sociais, naturais, políticos ou econômicos, principalmente com aqueles relacionados com os alunos da escola pública, suscitando dessa forma as reflexões e os anseios de mudança, fazendo com que o cidadão seja mais participativo na sociedade. Albuquerque (2010) destaca essa importância:

Não há dúvidas a respeito da grande importância da geografia no currículo escolar, pois por intermédio dela tem-se o desenvolvimento várias habilidades como: leituras de mapas, correlação de informações, compreensão do mundo globalizado, entre outras; esta disciplina tem grande finalidade também com as questões sociais que atingem grande parcela dos alunos da escola pública. Vários temas ligados aos problemas da sociedade vão ao encontro com a realidade dos alunos, o que pode permitir grandes reflexões que semearão o desejo de mudanças, o que já é um grande avanço no sentido de formar um bom cidadão. (p. 15)

A formação do professor deve ser voltada para em primeiro lugar torná-lo apto para despertar o aluno para o exercício da cidadania, da ética e da moral e não visando o mercado de trabalho, fazendo do educador um produto financeiro, ou apenas um técnico para transmitir informações. Não se podem formar professores descomprometidos com a realidade do aluno, ou seja, professores que não



colaborarão para que o ensino aprendizagem produza bons frutos na busca pelo conhecimento dentro e fora da sala de aula.

O professor de geografia deverá ser responsável no processo de ensino aprendizagem da disciplina, fazendo sempre com que os conteúdos sejam trabalhados de forma articulada dentro de uma sequência didática que contemple procedimentos fundamentais para garantir o envolvimento do aluno na proposta de aprendizagem, se faz necessário que o mesmo utilize diversos instrumentos didáticos, apresentem diferentes tipos de conteúdos, que sejam por sua vez contextualizados, conseguindo dessa maneira envolver o aluno.

As reformas curriculares ocorridas com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n 9394/96), onde os cursos de formação estão sendo orientados a rever seus projetos pedagógicos, o que inclui, evidentemente, a revisão de seus currículos. Espera-se que essa reforma seja efetivada no que se refere ainda à qualidade da formação dos professores em seus demais aspectos. Visando assim uma maior preocupação com cursos e sua qualidade, que dê todo suporte ao educador para trabalhar com competência e desempenho satisfatório em qualquer contexto que se encontrar, dentro ou fora da escola.

É preciso discutir cada vez mais sobre a formação docente, levantado sempre em consideração a problemática da avaliação da aprendizagem dos alunos. O professor de geografia precisa se perguntar sempre: como sua formação está contribuindo diretamente no processo de ensino aprendizagem dos seus alunos? Será que sua formação foi realmente de boa qualidade? Quais as deficiências e lacunas que a universidade não supriu? É questionando-se dessa maneira, que o mesmo buscará meios de superação para ultrapassar as pedras no caminho e contribuir com um ensino geográfico de qualidade e competente.

## 3 CAPÍTULO II – METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

### 3.1 A Escola Lócus da Pesquisa

A escolha da Escola deu-se a partir de critérios fundamentados por questões pessoais, devido ter passado por essa instituição por dois Estágios Supervisionados III e VI, e ter lecionado na mesma por três meses.

O Colégio Comercial Municipal Monsenhor Constantino Vieira, o qual foi fundado no dia 02 de dezembro de 1951, sob denominação de: ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO MONSENHOR CONSTANTINO VIEIRA. A solenidade da fundação da Escola Técnica de Comércio contou com a presença das mais (perguntar nome) das personalidades do mundo social, econômico e cultural de Cajazeiras, teve lugar em um dos salões do Grupo Escolar Dom Moisés Coelho, que foi servindo, como sede da Escola Técnica de Comércio.

Sua primeira Diretoria ficou constituída pelos professores: Dr. Manuel Ferreira de Andrade Júnior – Diretor: Dr. Cristiano Cartaxo – Vice-Diretor: Professor José de Sousa – Secretário.

Como homenagem à memória do saudoso Mestre o insigne educador Monsenhor Constantino Vieira, os fundadores da Escola Técnica de Comércio escolheram o nome daquele ilustre e saudoso Sacerdote como Patrono do novo estabelecimento de ensino.

Em 1991, a Escola Monsenhor Constantino Vieira passa a pertencer a Rede Pública Estadual de Ensino com duas modalidades de ensino o 1º grau e o 2º graus profissionalizantes. A partir do ano 2001, a escola passa a trabalhar o Ensino médio, onde os professores que integravam o Ensino Profissionalizante foram aproveitados em disciplinas afins e alguns transferidos para outras instituições de ensino. A Escola está localizada no centro da cidade, do lado da Catedral de Nossa Senhora da Piedade.

### 3.2 Análises dos Dados da Pesquisa

Neste tópico far-se-á a apresentação e análise dos dados da pesquisa tomando por base o objeto estudado que é conhecer mais sobre os processos metodológicos usados em sala de aula pelo professor de geografia. Como futuro educador e visando um ensino-aprendizagem com mais qualidade e competência, a motivação do estudo se pauta na possibilidade do ensino de geografia ser capaz de dá o suporte ao aluno, para que o mesmo faça a leitura crítica e consciente do seu contexto, almejando dessa forma, avançar progressivamente na busca pelo conhecimento e por uma sociedade mais democrática e geograficamente mais justa.

É nesse intuito que se procurou contribuir para investigar a rota percorrida pelos que atuam como sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, os professores e alunos, estes, por conseguinte nos ajudaram a obter repostas para as interrogações iniciais. As metodologias trabalhadas de forma bem estruturadas e bem selecionadas para cada aula, contribuem significativamente para que o aluno de geografia seja capaz de ler sua realidade e o mundo em que vive? O professor que se apropria de recursos metodológicos criativos e dinâmicos, está contribuindo na formação crítica do educando? Os recursos metodológicos são importantes para despertar o aluno para o conhecimento geográfico?

Dessa forma, as questões fundamentais para a realização dessa pesquisa, dizem respeito os processos metodológicos abordados pelo professor para o ensino de geografia em sala de aula. É importante ficar atento ao que os estudantes têm a dizer das metodologias aplicadas nas aulas da disciplina, visto que, são eles a representação mais real daquilo que é produzido pelos professores em sala de aula. Portanto, tomando por concreto a fala dos alunos por meio do questionário, pode-se perceber, de fato, como, e de que forma, a geografia escolar vem sendo compreendida em sala de aula por meio dos recursos didático-metodológicos trabalhados.

A coleta de dados foi feita com aplicação de questionários que procurou organizar os objetivos propostos pela pesquisa em questões redigidas de forma objetiva para os alunos, indagando-os quanto às metodologias aplicadas em sala de aula pelo professor de geografia. O contato com as turmas ocorreu em dois meses

seguintes, julho e agosto de 2013, em momentos diversos de acordo com a disponibilidade dos sujeitos.

Num 1º momento, teve-se como objetivo conversar com cada professor de geografia das turmas selecionadas para apresentar a proposta da pesquisa, esclarecendo os principais pontos da mesma e o que se pretendeu investigar. Num 2º momento, após o esclarecimento dos principais pontos que deviam ser abordados no trabalho, foram pensadas e elaboradas as questões de forma que contribuíssem para a aquisição das informações sobre a temática da pesquisada. Logo em seguida deu-se a aplicação dos questionários aos alunos em sala de aula.

Para preservar a identidade dos alunos entrevistados usar-se-á o ano que os mesmo estão matriculados: 1º ano B, 2º ano D e 3º ano D quando nos referimos aos mesmos. Todavia, é para esses questionamentos que indicam as reflexões da pesquisa, que tem como propósito ouvir o que os alunos do ensino médio têm a dizer sobre o ensino de geografia. Foram entrevistados 30 alunos, sendo 10 do 1º ano B, 10 do 2º ano D e 10 do 3º ano D. Os entrevistados encontram-se numa faixa etária entre 14 e 19 anos. 29 alunos não são repetentes, existe somente um repetente, sendo este do 3º ano D (ver tabela abaixo)

TABELA 01 – Perfil dos Alunos pesquisados

Alunos	Série	Faixa Etária	Repetentes	
			Sim	Não
10	1º Ano B	14 a 19 anos	1	0
10	2º Ano D			
10	3º Ano D			

Fonte: Elaboração Própria, 2013.

No 1º questionamento a pergunta objetivou investigar se todos os alunos gostam das aulas de geografia. Dos 30 entrevistados, 27 demonstraram gostar e 03 disseram que não.

Pode-se investigar qual seria o motivo que estaria levando a grande maioria gostarem das aulas de geografia, enquanto uma minoria não gosta. Seria os métodos aplicados pelo professor ou alguma razão pessoal de cada aluno?

Com base na fundamentação teórica o aluno pode gostar ou não de uma disciplina por vários fatores, mas, é certo que os processos metodológicos usados em sala de aula ajudarão no despertar do interesse pela mesma. Por isso, as aulas de geografia devem contribuir de forma que o aluno veja o mundo com os olhos da razão e do raciocínio lógico, para que o mesmo contribua socialmente como cidadão. Segundo Braun (2005)

A construção pedagógica do saber geográfico, em muitas situações, continua centrada no discurso oral de aulas expositivas ou em leituras de textos do livro didático. Por outro lado, a importância que os alunos e alunas atribuem à Geografia escolar em suas vidas decorre da interação entre a teoria e a prática vivenciada na abordagem dos conteúdos.” (p. 11)

Portanto, o interesse, a paixão ou afinidade por uma disciplina, irá depender muito (não predominantemente) de como a mesma é estudada em sala de aula. Mas, é incontestável que com uma aula criativa, dinâmica, contextualizada e trabalhada com recursos metodológicos apropriados para temática, irá ajudar significativamente para o desenvolvimento do ensino aprendizagem do aluno. Albuquerque (2006)

A escolha pelos materiais didáticos adequados para cada situação de aprendizagem, a elaboração de suas próprias sequências didáticas, a produção de seus próprios textos e materiais didáticos, e principalmente o uso de tudo isso no processo educativo, é questão de suma importância para o trabalho do professor.” (p. 14)

Na 2º questão foi investigado o que levava aos alunos a gostar ou não das aulas de geografia. Para que tivéssemos uma maior noção de qual área geográfica os alunos mais se identificavam ou tinham maior aproximação para estudar e assim conhecermos melhor o perfil desses alunos, para mais adiante sabermos se as metodologias trabalhadas pelo professor de geografia desses alunos contribuem para o ensino aprendizagem tanto na área que eles se identificam, como no processo educativo num todo.

Dos 27 (vinte e sete) alunos que responderam anteriormente gostar das aulas de Geografia, quase 90% respondeu que gosta de geografia por causa dos conteúdos que a disciplina aborda. Eles demonstraram grande apreciação com a

área Física, Humana e Política, disseram gostar muito de estudar: relevos, climas, natureza, rios, animais, populações, culturas diferentes, economia brasileira, terrenos, o espaço geográfico, conhecer mais sua região e de outros países. Os outros 10% deram resposta variadas sobre o que os faz gostar das aulas: afinidade com a professora, por não ser uma matéria difícil, por ter afinidade com a disciplina e por ser importante o conhecimento geográfico.

Diante das respostas dos alunos, pode-se perceber como a geografia é uma Ciência tão rica, preciosa, complexa e necessária para o dia a dia. Ela aborda assuntos dos mais diversos possíveis para a aprendizagem, assunto estes, que estão presente no contexto brasileiro onde quer que estejamos em qualquer tempo ou época. Vesentini (2008) afirma:

A Geografia, enquanto Ciência e Disciplina escolar que trata da distribuição dos fenômenos físico-naturais e humanos e a integração entre eles em as diferentes escalas, deve ter várias formas de mediação para atingir seu objetivo que é o de levar o educando a compreender o Mundo em que vive, da escala local até a planetária, dos problemas ambientais até os sócios - econômicos e culturais. (p.22).

Os 03 (três) alunos que disseram não gostar das aulas de geografia atribuem a não afinidade com a disciplina, por causa dos métodos usados pela professora em sala de aula. Relatam não existir recursos metodológicos que contribuam no ensino aprendizagem e que os que são usados não colaboram em hipótese alguma para a compreensão dos conteúdos.

Quando os conteúdos da Geografia são trabalhados de forma articulada dentro de uma sequência didática que contemple procedimentos fundamentais para garantir o envolvimento do aluno na proposta de aprendizagem, utilize diversificados instrumentos didáticos, apresente diferentes tipos de conteúdos, que sejam por sua vez encadeados de maneira contextualizada, no corpo de um projeto, o envolvimento do aluno, bem como no processo de aprendizagem, é beneficiado, na medida em que o sujeito é colocado em uma situação a qual demanda aprendizagem e ao mesmo tempo a torna significativa. (SEFERIAN, 2008, p. 5)

Na **terceira** questão foi indagado se os alunos conseguiam entender e compreender de forma clara o conteúdo de geografia apresentado em sala de aula.

24 (vinte e quatro) responderam que Sim, enquanto 06 (seis) disseram que Não, (inclusive os 03 alunos que firmaram na primeira questão que não gostam das aulas de Geografia).

Na verdade o que acontece, é que os alunos não compreendem os conteúdos de forma clara, mas, que a grande maioria tem certa afinidade e interesse pela disciplina. Por meio da questão anterior, fica claro que eles gostam das aulas de geografia por causa dos conteúdos abordados em sala, a grande maioria deixou isso bem claro, dificilmente colocaram recursos metodológicos como afinidade pela disciplina, coisa que não deveria acontecer, pois essa afinidade deveria partir da inovação, interação e contextualização dos alunos com os assuntos geográficos trabalhados nas aulas, sejam na sala ou fora dela.

Percebe-se até este momento pela análise dos dados, que muitos têm certo interesse de poder entender e conhecer mais dos conteúdos apresentados pelo professor de geografia, mas a falta de uma aula mais dinâmica e envolvente deixa muito a desejar, fazendo com que essa apreciação pela disciplina fica somente na "afinidade" e no "desejo" de ir além. Não podemos esquecer que é papel do professor ir junto com os alunos de mãos dadas na busca incansável do conhecimento.

Se o conhecimento geográfico ou de qualquer outra disciplina, não for trabalhado em sala de aula em comum, conjuntamente professor-aluno, aluno-professor, o ensino aprendizagem nunca dará frutos, será sempre uma "afinidade", não passará disso e jamais avançará. Na medida em que o professor toma para si a importância de "ensinar", ele está aprendendo sempre mais, pois esse é o processo do conhecimento: se aprende - ensinando. Vesentini (2004) afirma:

O professor crítico e/ou construtivista – e não podemos esquecer que o bom professor é aquele que "aprende ensinando" e que não ensina, mas "ajuda os alunos a aprender" – não apenas *reproduz*, mas também *produz* saber na atividade educativa. E tampouco o educando pode ser visto como um receptáculo vazio que irá assimilar ou aprender um conteúdo externo à sua realidade existencial, psicogenética e socioeconômica. (p. 224)

Na 4ª questão foi investigado quanto às metodologias do professor de Geografia. Foi perguntado se os recursos metodológicos usado nas aulas de geografia contribuíam no ensino aprendizagem dos entrevistados. 24 (vinte e quatro)

alunos disseram que Sim, 06 (seis) responderam Não. O mais interessante, é que se pode notar que os mesmos números de alunos da pergunta anterior responderam Sim e o mesmo número que Não. Vale salientar que os três alunos que responderam Não na primeira questão, continuaram dizendo Não em todas, o que dá a entender que esses alunos realmente não gostam da disciplina por causas relacionadas às metodologias aplicadas nas aulas de Geografia. Pois se observou que certos alunos entraram em contradição em suas respostas. Por exemplo: responderam na questão anterior que não conseguem compreender e entender de forma clara os conteúdos de Geografia apresentados em sala de aula, e nessa questão, responderam que as metodologias que o professor usa nas aulas de geografia contribuem para o seu ensino aprendizagem e vice-versa.

O que fica claro e evidente até aqui, é que a grande maioria dos alunos realmente e verdadeiramente gostam da disciplina de geografia, mas como foi observado anteriormente, esse "gostar" nasce pelo interesse e afinidade com os conteúdos da mesma, ele não vem e nem foi despertado pelas metodologias usadas nas aulas de geografia. Caberia ao professor, por meio de recursos metodológicos aprimorados, avançados e bem escolhidos para cada aula, trabalhar nos alunos o interesse e afinidade que existe pela disciplina.

Quando o professor de Geografia quebra barreiras e ultrapassa fronteiras que existem dentro da sala de aula, para criar laços de interação e aproximação com o contexto do aluno e ao mesmo tempo começa a fazer com que o ensino de geografia seja vivo e eficaz para o aluno, o ensino e aprendizagem se tornam mais prazerosos, fazendo com que a afinidade pela disciplina que existe dentro do aluno, venha a se tornar um elo de compromisso na busca pelo conhecimento, visando dessa forma, ser um bom cidadão, para contribuir significativamente com a sociedade. É nessa perspectiva que se constrói o processo de conhecimento, professor – aluno – realidade, onde todos são protagonistas do saber, sem esquecer a indispensabilidade do professor de geografia enquanto educador. Conforme nos mostra Kimura (2011):

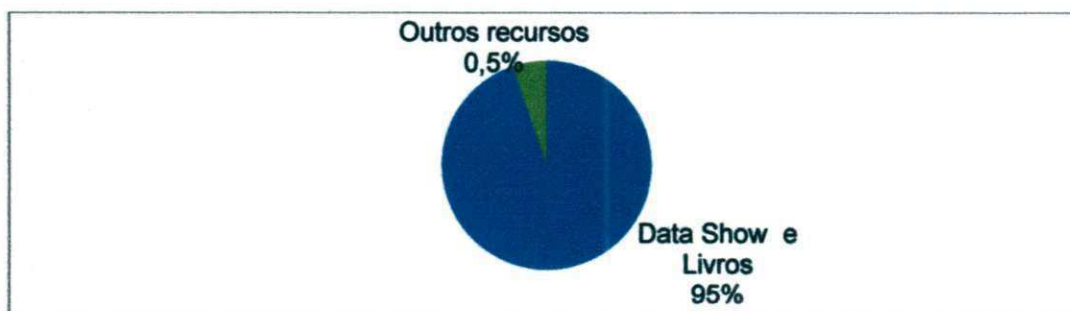


Considera-se, de um lado, que cabe a todos serem protagonistas educacionais e, nesse sentido, cabe também ao professor. Por outro lado, se é importante reafirmar os papéis dos diferentes protagonistas sociais que existem, entretanto, efetivamente, é indispensável reconhecer a importância do papel do professor de Geografia enquanto educador, porém sem messianismos. A referência é para a importância de um educador que privilegie a formação do aluno, indo ao encontro de suas necessidades de ter um parceiro na busca do desenvolvimento da aprendizagem, a partir da situação em que esse aluno se encontra. (p. 56)

Na 5ª e última questão, foi solicitado aos entrevistados para citar as metodologias que o professor de Geografia usa em suas aulas. Todos citaram algumas metodologias, como por exemplo: livro didático, data show, seminários, quadro, giz, cinemas, provas, trabalhos, biblioteca, visitas, pincel, dinâmicas, computador, mapas, caça-palavras, estudo de campo, cruzadinha, diálogos, mapas, exercícios, slides, atividades complementares e leituras. Claro que umas citadas com maior expressão, detalhe que veremos mais adiante.

Diante das metodologias citadas acima pelos entrevistados, pode-se pensar: o professor de Geografia realmente está utilizando de diversos recursos metodológicos em suas aulas, fazendo com que o ensino aprendizagem não aconteça com aulas repetitivas e meramente decorativas com reprodução de conteúdos. Mas, vale ressaltar e fazermos uma leitura crítica e importantíssima, de grande valor na interpretação desta questão. Nota-se no gráfico 1 que os alunos citaram diversos recursos metodológicos usados pelo professor, é importante salientar que somente duas foram citadas com predominância por quase todos os alunos: o livro didático e data show. As outras foram citadas de forma fragmentada, isoladas, algumas aparecem somente uma vez.

**GRÁFICO 1 – Porcentagem Dos Recursos Metodológicos Citados Pelos Entrevistados.**



Fonte: Elaboração própria, 2013.

Por meio do exposto acima, observa-se que o livro didático ainda predomina nas aulas de geografia das turmas pesquisadas e que o surgimento de recursos, como data show nessas aulas é um recurso bem utilizado pelo professor. Mas, o livro didático não pode de maneira alguma ser o “ditador” do educador de geografia, pelo contrário, deve servir como instrumento de serviço e não como única fonte que o professor deve trabalhar e se nortear em suas aulas, é preciso trabalhá-lo em conjunto com outros recursos.

Vesentini (1989) assegura sobre o livro didático:

O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como instrumento que está a seu serviço, serviço de seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante. Ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em slides ou filmes, em obras paradidáticas etc.) tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a interagir criticamente o educando ao mundo. (p. 167)

Algo que seria de grande valia e de imenso enriquecimento para o ensino geográfico aos alunos das turmas entrevistadas e para todo o ensino aprendizagem como num todo, é que se todas as metodologias citadas fossem trabalhadas em conjunto sempre que necessárias, sem priorizar e centralizar o livro didático - algo que ficou evidente que vem acontecendo nas turmas pesquisadas – os mesmos passariam a se apaixonar mais pela disciplina e buscar um compromisso maior com a mesma, pois o livro didático deve servir como instrumento de auxílio nas aulas de geografia, nunca como o “Todo Poderoso” que contém o saber único e inesgotável, pois o mesmo assumido a função de subsidiar, o professor deverá dá conta dos conteúdos, sendo competente no seu dever de educador para o cumprimento de seus objetivos. Dentro desse contexto, Oliveira (2010) evidencia o seguinte:

Enquanto instrumento o livro estrutura-se para subsidiar/auxiliar uma prática no que se refere às atividades e metodologias. A partir dessa função que o livro didático assume, damos conta das relações que se estabelecem entre o conteúdo presente no livro didático e as possibilidades de operacionalização pelo professor a partir dos seus objetivos, tanto educacionais, quanto para a disciplina escolar. (p. 68)

Trabalhar ricamente o conteúdo geográfico em sala de aula é missão do educador de Geografia, sem centralizar-se no livro didático ou até mesmo em qualquer outro recurso metodológico, todavia, o mesmo deve ser dinâmico e criativo no que se refere aos processos metodológicos do ensino aprendizagem da disciplina, fazendo sempre, com que os mesmos sejam trabalhos em conjuntos e não de forma isolada e fragmentada, tornando a aula uma mera reprodução de conteúdos.

Se o livro didático for utilizado como um material auxiliar de apoio ao trabalho didático do professor, este poderá apoderar-se do mesmo, da mesma maneira como ele pode apropriar-se das diversas mídias. O livro didático será, assim, uma dentre todas as outras mídias. Dessa maneira, esse material poderá apenas fazer parte do acervo de estratégias para elaboração do *fazer-pensar* do professor, que poderá, assim, construir sua autonomia, não se colocando como refém do livro didático ou de qualquer outra tecnologia educacional.” (KIMURA, 2011, p. 26)

Renovar é preciso e se faz necessário sempre e em qualquer área da nossa vida, seja pessoal, profissional ou familiar, é sempre louvável buscar o renovo. No processo de ensino aprendizagem não é diferente, não existe coisa pior do que o aluno ir pra sala de aula e saber que tudo será do mesmo jeito, seguindo a mesma maneira, sem quebrar a rotina. O professor de Geografia não pode e nem deve passar para o aluno a imagem de uma disciplina sem vida, sem ânimo, sem realidade, descompromissada com a sociedade, isenta e distante do aluno e do seu contexto, pelo contrário, o mesmo deve e pode fazer com que o seu aluno enxergue e perceba que o saber geográfico é algo incalculável no seu processo de aprendizagem, para sua realidade local e para leitura crítica do mundo no qual o mesmo se encontra.

Pode-se afirmar que a partir dos dados coletados, foi constatada uma grande afinidade na maior parte dos alunos entrevistados para com a disciplina de Geografia e que essa afinidade será amadurecida por meio de processos metodológicos apropriados para se trabalhar nas aulas, sejam dentro ou fora da sala. Fica claro por meio da pesquisa, que o uso de metodologias é essencial e indispensável para que o aluno tenha um ensino aprendizagem capacitado para sua formação em quanto cidadão construtor e comprometido com a sociedade. É preciso

se ter em mente que as metodologias não são salvadoras do sistema de ensino e que a qualidade do ensino não depende 100% das mesmas, é todo um conjunto de fatores inter-relacionados, mas que a boa escolha e o bom uso das mesmas mudarão significativamente o processo de ensino aprendizagem. Também ficou evidente que esses alunos ainda são carentes de um ensino trabalhado por meio de um conjunto de processos metodológicos, na verdade eles demonstraram certa confusão sobre o que são metodologias e ainda se confundem quanto ao assunto. Pois é de suma importância que o professor de geografia ou de qualquer outra disciplina, seja um educador apaixonado pelo dever de colaborar na construção e na busca do conhecimento democrático, onde todos, sem distinção de raça, cor, religião, opção sexual ou qualquer que seja, que todos possam se deleitar e saborear o conhecimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa buscou-se refletir sobre alguns aspectos referentes ao ensino da geografia, principalmente no que se refere aos processos metodológicos usados em sala de aula. Procuramos analisar a perspectiva histórica referente à trajetória do ensino de geografia sob o prisma da história das disciplinas escolares e como a mesma veio evoluindo-se no espaço escolar, para se firmar no sistema educacional de ensino brasileiro como uma ciência de valor incalculável.

Dessa forma, a partir dos pressupostos fundamentados no transcorrer do 1º capítulo, onde foram apontados princípios e objetivos que estiveram presentes na gênese e trajetória do ensino da geografia, é que se chegou ao ensino de geografia atualmente desenvolvida na escola selecionada para a nossa pesquisa, com o propósito de questionar até que ponto o movimento de renovação da geografia escolar realmente colaborou para que sobreviessem mudanças na prática de ensino dessa disciplina. Também refletimos sobre a importância da formação de professores e como ela tem um papel fundamental no dia a dia do professor em sala de aula, pois sua formação contribuirá ricamente em seu processo de educador. Obtivemos os resultados na execução da pesquisa, resultados esses apresentados no 2º capítulo desse trabalho.

Sabemos que muitas vezes as aulas de geografias ainda são tradicionais, construídas na reprodução e transmissão de conhecimentos, tornando algo enfadonho e cansativo. Procurou-se neste trabalho buscar e compreender qual a importância e o papel que as metodologias têm no processo de ensino aprendizagem da disciplina de geografia. Pois se faz necessário discutir sempre a presença dos recursos metodológicos dentro da sala de aula em conjunto com os conteúdos. Essa foi nossa maior missão e preocupação nesta labuta.

Durante a realização deste, buscou-se fazer uma reflexão sobre o valor do uso adequado e bem selecionado dos recursos metodológicos para o ensino de geografia. Para que a pesquisa fosse bem elaborada, procuramos observar durante dois meses as turmas selecionadas para percebermos um pouco como eram ministradas as aulas. Ao final das observações aplicou-se um questionário para 10 alunos de cada turma observada, questionário esse que fundamentou de forma concreta essa pesquisa.

Os resultados dos questionários aplicados com os alunos do 1º ano B, 2º ano D e 3º ano D do Ensino Médio da Escola Monsenhor Constantino Vieira, contribuíram de maneira significativa para efetivação dos resultados do trabalho sobre as metodologias usadas em sala de aula pelos professores de geografia, pois nos mostrou que o livro didático ainda tem sua predominância nessas turmas, ficou claro que o ensino geográfico ainda está tendo como base o livro didático. Constatou-se que realmente a grande maioria dos alunos tem afinidade e apreço pela disciplina, mas que as metodologias trabalhadas em sala de aula ainda não estão correspondendo para um despertar vivo e eficaz no ensino aprendizagem desses alunos.

Portanto, todo o processo dessa pesquisa foi de uma riqueza infinita e profunda sobre o andamento do ensino da geografia e os processos metodológicos nas turmas pesquisadas, pois percebemos que é quase que impossível ministrar aulas de geografia se sustentando basicamente no livro didático, não que os educadores das turmas pesquisadas estejam fazendo isso, mas ficou evidente que os recursos metodológicos usados pelos mesmos, ainda aparecem precariamente em suas aulas, deixando o livro didático ser o "dono" do conhecimento geográfico. Vale salientar que a pesquisa não tem por objetivo apontar causas ou responsáveis pelos problemas pertinentes ao ensino da geografia. Sabe-se que as diversas questões que envolvem a escola, a educação e o ensino dessa disciplina, são complexas e contém muitas variáveis. A exemplo pode-se citar a formação de professores, a falta de diálogo entre universidade e escola, as condições de trabalho proposta aos professores, o que de maneira alguma pode deixar de ser levado em conta quando nos colocamos a analisar a prática pedagógica desenvolvida por esses em sala de aula. E nossa maior fidelidade foi justamente nos aprofundarmos nos processos metodológicos trabalhados pelo professor, desde um olhar histórico, até a execução da pesquisa e seus resultados.

**REFERÊNCIAS:**

ALBUQUERQUE, Lillian de Sousa. **Formação de Professores de Geografia e Materiais Didáticos**. Mestrado em geografia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, 2010.

BRAUN, Ani Maria Swarowsky – **Rompendo os Muros da Sala de Aula: O Trabalho de Campo Como Linguagem no Ensino da geografia** / Ani Maria Swarowsky Braun - Dissertação (Mestrado) – Universidade federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Geociências – Programa de Pós Graduação em Geografia – Porto Alegre, Junho 2005.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, escola e construção de conhecimentos** / Lana de Sousa Cavalcanti – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico)

FERRAÇO, Carlos Eduardo / **Cotidiano Escolar, Formação de Professor (as) e Currículo** / Carlos Eduardo Ferraço (organizador). – 2. Ed. – São Paulo: Cortez 2008.

KANASHIRO, Cintia Shukusawa. **Livro Didático de Geografia – PNLD, materialidade e uso na sala de aula**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas** / Shoko Kimura. – 2 ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: 2011.

OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. **A cartografia e o ensino de geografia no Brasil: uma olhar histórico e metodológico a partir do mapa (1913-1982)** / Aldo Gonçalves de Oliveira. - - João Pessoa: [s.n.], 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino da geografia?** / Ariovaldo Umbelino de Oliveira, org. 6. ed. – São Paulo: Contexto, 1998.

MEIRIEU, P. **O Cotidiano da Escola e da Sala de Aula** – o fazer e o compreender. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artemed, 2005. 221 p.

PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação** / Philippe Perrenoud, Monica Gather Thurler, Lino de Macedo, Nilson José Machado e Cristina Dias Allesandrini; trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PESSOA, Rodrigo Bezerra - **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual** / Rodrigo Bezerra Pessoa. – João Pessoa, 2007.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia** / Nidia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

REGALO, Carlos Alberto. **Formação de Professores e Educação: epistemologia e ensino de geografia no currículo escolar brasileiro** / Carlos Alberto Regalo. – Dissertação (Mestrado). Campinas, SP: [s.n.], 2005.

SEFERIAN, Ana Paula Gomes. **Metodologia e Aprendizagem: um caminho para a Educação Geográfica**. 2008.193 f. Dissertação (Mestrado em geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - São Paulo, 2008.

VEIGA, Cynthia Greive, 1958 – **História da Educação** / Cynthia Greive Veiga. – São Paulo: Ática 2007 328p. – (Ática Universidade)

VESENTINI, José William. **O ensino de geografia no século XXI** / José William Vesentini (org.). – Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação. (IN) CARLOS, A. F. A. (org.). **A Geografia na Sala de Aula**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 14-33.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de geografia: instrumento de dominação e/ou de libertação. (IN) CARLOS, A. F. A. **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

VESENTINI, José William. **Geografia e Ensino: Textos Críticos** / José William Vesentini, organizador. – Campinas, SP: Papyrus, 1989.

ZUBA, Janete Aparecida Gomes, 1966 – **Ensino de Geografia e Formação dos Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Das Expectativas do Curso Normal Superior da Unimontes à Realidade** / Janete Aparecida Gomes Zuba. 2006.



# APÊNDICE

## Questionários com os Alunos:

Ano que faz: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Repetente: ( ) Sim ( ) Não

01- Você gosta das aulas de Geografia?

( ) Sim ( ) Não

02- Se gostar, qual o motivo que o (a) faz gostar? Se não gosta, o que o (a) leva a não gostar?

03- Você consegue entender e compreender de forma clara o conteúdo de geografia apresentado em sala de aula?

( ) Sim ( ) Não

04- As metodologias que o professor usa nas aulas de geografia, contribuem no seu ensino-aprendizagem?

( ) Sim ( ) Não

05- Cite as metodologias usadas nas aulas de geografia:

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_